



Apresentação

TEORIA E PRÁTICA EM ROSA E GRAMSCI¹

Joeline Rodrigues de Sousa²

Um século após a morte de Rosa Luxemburgo e 128 anos de nascimento de Antonio Gramsci vivemos em um cenário que nos impele cotidianamente a voltarmos e organizarmos todas as forças para o horizonte revolucionário e, para tanto, refletirmos sobre a relação teoria e prática e o processo de construção prática de novas formas de lutar, resistir, organizar e construir o novo, forjar novas relações, um novo modo de vida social, recuperando as experiências e contribuições de dois grandes personagens da história de luta por uma sociedade livre e emancipada, os quais, os pensamentos continuam vivos e cada vez mais necessários para nos ajudar a compreender a realidade, suas contradições e as possibilidades do devir.

Nesse viés, que a Revista Encontros com a Filosofia - Enfil traz no seu 11º número, o *Dossiê Teoria e Prática em Rosa e Gramsci*, que se configura como o conjunto dos textos, resultados das conferências e mesas-redondas proferidas no Seminário Teoria e Prática em Rosa e Gramsci, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci (Gramsci) com vistas a socializar o pensamento

¹ Recebido em 16/12/2019. Primeira avaliação em 14/12/2019. Segunda avaliação em 10/01/2020. Aceito para publicação em 26/01/2020.

² Professora do Departamento de Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci G-Gramsci e do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Práxis e Formação Humana. Coordenadora Nacional de Comunicação da International Gramsci Society - IGS/Brasil (2015-2019). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Mestra em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2071-5324>. E-mail: joelinersousa@gmail.com

dos autores e convidar todas e todos a pensar as possibilidades teórico-práticas em nosso tempo.

Os escritos apresentados aqui resultam do trabalho de esforço e dedicação de estudiosos e especialistas em Rosa e Gramsci do Brasil em contribuir com a tarefa de traduzir para a atualidade os elementos fundamentais de seus pensamentos, bem como, de destacar elementos importantes para reconhecer as contradições e possibilidades históricas de transformação no Brasil e no mundo imerso em retrocessos políticos, econômicos e culturais no tempo presente.

Nesse espectro, o Dossiê constitui-se de cinco (cinco) artigos que visam contribuir com a atualização da leitura sobre a relação teoria e prática em Rosa e Gramsci, é aberto por Isabel Loureiro, colaboradora da fundação Rosa Luxemburgo, com o artigo intitulado *Teoria e prática revolucionária em Rosa Luxemburgo*, em que traça um paralelo entre as contradições atuais e aquelas do início do século XX, especialmente as que foram vivenciadas por Rosa e a levaram a pensar a articulação dialética e unitária entre teoria e prática e a distanciaram do determinismo característico da Segunda Internacional. Segunda a autora, há em Rosa, a compreensão de uma tensão entre as condições objetivas e a “ação audaz”, a vontade, que nos momentos revolucionários, expressa as leis da história através da ação das massas populares, quando há unidade imediata entre teoria e prática, e esta é entendida como teoria *da* prática. Enquanto que nos períodos de refluxos é necessário continuar o trabalho, operando sobre as contradições, até que a prática fique novamente de acordo com a teoria que torne-se guia da ação, teoria para a prática. Para Loureiro, Rosa Luxemburgo procura articular essas duas perspectivas, apostando na vitória, mas que podem ser mais ou menos bem-sucedidas, porém sem perder de vista a autonomia e participação das massas e a descentralização de uma pretensa vanguarda, para o estabelecimento de uma sociedade genuinamente revolucionária para além do capitalismo que consiste na instituição da mais ampla democracia em todas as dimensões sociais. Para tanto, é preciso lançar mão de uma política que não separa reforma e revolução, enraizada nos problemas do presente e, ao mesmo tempo, com os olhos postos na transformação radical da sociedade.

Rodrigo Santaella, no seu artigo intitulado *Rosa Luxemburgo – sua atualidade para a revolução*, visa elencar as contribuições de Rosa para o movimento e organização revolucionária de larga amplitude democrática, tendo em vista que suas

formulações buscavam criar condições para que as organizações revolucionárias estivessem abertas à autocrítica e a autotransformação constantes que, segundo ele, poderiam ter evitados diversos erros cometidos pelos partidos comunistas e, que hoje, se expressam na obsolescência das formas de organização política que se desdobram no incremento da hegemonia da extrema direita que flertam com tendências fascistas e demonstram a incapacidade organizativa e de aglutinação de forças em torno de uma perspectiva que rompa com a lógica do capital. Nesse sentido, Rodrigo aborda, de forma didática, elementos delineados por Rosa no conjunto de sua obra para refletirmos não apenas sobre como poderia ter se desenvolvido o movimento, mas sobretudo, sobre os desafios do nosso tempo.

Em *Reflexões para uma nova agenda de esquerda a partir de Rosa Luxemburg e Antonio Gramsci*, Fabio Gentile traça um cenário dos desdobramentos do fim do “socialismo real” no âmbito político e econômico com a abertura para o neoliberalismo em escala global, bem como, os desafios para a esquerda, especialmente de sua reinvenção que supere o espectro do estalinismo e os revisionismos pós-fim do socialismo real que abraçaram a política burguesa. Para Gentile, é preciso se organizar a partir da democracia vigente e apontar para o horizonte revolucionário, retomando o patrimônio teórico-prático do marxismo, especialmente Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci.

Partindo da perspectiva de Gramsci sobre a relação entre política e cultura, Anita Schlesener busca, em *Política e educação: a questão da cultura na formação dos trabalhadores*, evidenciar os elementos que condensam a hegemonia dominante, considerando o significado da educação no conjunto das relações de hegemonia e o impacto dos meios de comunicação de massa para a formação de um modo de pensar homogêneo, difundido como neutro e universal, além dos limites e possibilidade da formação escolar que, segundo a autora, deve seguir na contramão da lógica dominante e, portanto, garantir os conteúdos e métodos adequados para a compreensão crítica e profunda da realidade e os elementos para sua transformação.

Com *A filosofia da práxis e a educação de massas - do falso socialmente necessário ao antagonismo*, Joeline Rodrigues encerra este Dossiê, apresentando o contexto das contradições da relação trabalho e formação humana sob a lógica do capital, especialmente no contexto de aprofundamento da crise estrutural que assume contornos neofascistas e lança mão de formas violentas para implementar a agenda

ultraliberal, bem como, da forma do empreendedorismo como elemento ideológico, o falso socialmente necessário não somente à manutenção do capital, mas ao incremento da extração da mais-valia. Desse modo, demonstra ainda que esta forma se apropria das subjetividades, pois fomenta, sob a lógica do capital, o desenvolvimento de habilidades, as quais Gramsci se referia como necessárias para a formação de uma personalidade autônoma, com espírito de iniciativa e inventivo, na lógica dos trabalhadores livres e associados. O que demanda, portanto, a subversão dessa lógica na perspectiva coletiva e humana da sociedade regulada.